"Uma ampulheta se esconde nas fotografias de Carlos Stenders.
São grãos de areia que escorregam lentamente,
fragmentos de tempo humano que desfilam
e memórias que nos interpelam."

(Etienne Samain)

"A coleção revela que no espaço urbano as ruas mudam não apenas a feição, mas também seus papéis e significados para a coletividade."

(Regina Célia Alegro, Célia Rodrigues de Oliveira e Rui Cabral)

"Sinto que é necessário um pouco da sombra das existências minúsculas para que não percamos de vez a noção de profundidade das coisas da vida."

(Tony Hara)

Produção Câmara Clara

Museu Histórico de Londrina

Patrocínio Prefeitura de Londrina
Secretaria Municipal de Cultura

Londrina 80 anos

Midiograf
A sua gráfica e editora

ISBN 978-85-62002-10-6

Organizado por Daniel Choma, Edson Vieira e Tati Costa

É de sonho e de pó

Londrina, décadas de 1930 e 1940. Fotografias de Carlos Stenders.

Câmara Clara

As imagens e textos aqui presentes estão licenciados sob uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Não Adaptada*.
Para detalhes acesse: http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt_BR

*Você tem a liberdade de:

Compartilhar — copiar, distribuir e transmitir a obra.

Sob as seguintes condições:

Atribuição — Você deve creditar a obra da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso não comercial — Você não pode usar esta obra para fins comerciais.

Vedada a criação de obras derivadas — Você não pode alterar, transformar ou criar em cima desta obra.

Organizado por Daniel Choma, Edson Vieira e Tati Costa

É de sonho e de pó

Londrina, décadas de 1930 e 1940. Fotografias de Carlos Stenders.

Artigos de Etienne Samain, Humberto Yamaki, Tony Hara, Regina Célio Alegro,

Célia Rodrigues de Oliveira, Rui Cabral e organizadores.

1ª Edição | Londrina, 2015

Câmara Clara

J. MIC L & CIA
DENTISTA

SALÃO

Na página da esquerda,
colheita de café.

Nesta página, de cima para baixo:
• Avenida Paraná;
• Rua Minas Gerais;
• Rua desconhecida.

Nas páginas anteriores:
p. 02: Rua Sergipe entre a Avenida Rio de Janeiro e Rua Mato Grosso. Ano de 1938.
p. 03: Avenida Paraná.
p. 04: Rua Sergipe.
p. 05: Avenida Maranhão.
p. 06: Rua Mato Grosso entre a rua Maranhão e Santa Catarina. Ano de 1938.
p. 07: Rua Maranhão entre as ruas Mato Grosso e Duque de Caxias.

Roteiro

1. Revelar

Londrina, ano zero. p. 13

Fotobiografia de Carlos Stenders. p. 14

Foto arqueologia das estrelas. p. 35

Daniel Choma, Tati Costa, Edson Luiz da Silva Vieira

2. Ampliar

Ir ao encontro do tempo. p. 44

Etienne Samain

Paisagem Vernacular Londrinense. O olhar de Stenders. p. 53

Humberto Yamaki

Por que as fotografias de Stenders nos comovem? p.57

Regina Célia Alegro, Célia Rodrigues de Oliveira e Rui Cabral

Um pouco de sombra para tanta luz. p. 66

Tony Hara

3. Olhar

+ Fotos e grafias. p. 78 a 176.

Legendas: Célia Rodrigues de Oliveira, Daniel Choma e Tati Costa

Publicação gerada pelo projeto Revelações da História: Carlos Stenders

E-mail: **contato@camaraclara.org.br** Site: **www.camaraclara.org.br**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

É de sonho e de pó. Londrina, décadas de 1930 e 1940.
Daniel Choma, Edson Vieira e Tati Costa (organizadores); Fotografias de Carlos Stenders -- Londrina : Câmara Clara, 2015. 176p. : il. ; 22 x 30 cm

ISBN 978-85-62002-10-6

1. Fotografias. 2. Cidades . 3. Londrina – Fotografia. 4. Restauração – Acervo. 5. História – Norte do Paraná. 6. Imagem – Mídia. I. Choma, Daniel (Organizador). II. Costa, Tati (Organizador). III. Vieira, Edson (Organizador). IV. Stenders, Carlos (Fotografias). V. Título.

CDD- 770
633.73

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografia: Artes 770
2. Cidades: Fotografia: Artes 770
3. Londrina: Fotografia: Artes 770
4. Restauração Acervo: Fotografia: Artes 770
5. História Norte do Paraná: Fotografia: Artes 770

Ficha Técnica

É de sonho e de pó

Londrina, décadas de 1930 e 1940. **Fotografias de Carlos Stenders.**

1ª Edição | Londrina - Paraná - Brasil | 2015

Coordenação Editorial: Daniel Choma
Coordenação de Projeto e Circulação: Edson Luiz da Silva Vieira
Coordenação de Pesquisa e Produção: Tati Costa

Artigos:
• **Londrina, ano zero, Fotobiografia de Carlos Stenders** e **Foto arqueologia das estrelas** - Daniel Choma, Tati Costa e Edson Luiz da Silva Vieira
• **Ir ao encontro do tempo** - Etienne Samain
• **Paisagem Vernacular Londrinense. O olhar de Stenders** - Humberto Yamaki
• **Um pouco de sombra para tanta luz** - Tony Hara
• **Por que as fotografias de Stenders nos comovem?**
- Regina Célia Alegro, Célia Rodrigues de Oliveira e Rui Cabral

Revisão de textos: Euclides Sandoval
Legendas: Célia Rodrigues de Oliveira, Daniel Choma e Tati Costa
Cessão de fotos e informações biográficas: Rosemarie Stenders e Carlos Stenders Neto

Acervo: Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss
Direção: Regina Célia Alegro **Técnica em Assuntos Culturais:** Célia Rodrigues de Oliveira

Produção: Câmara Clara e Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Patrocínio:
Promic - Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Londrina
Secretaria de Cultura de Londrina - Prefeitura de Londrina
Midiograf

Londrina, ano zero

É de sonho e de pó apresenta fotografias realizadas por Carlos Ricardo Stenders na cidade de Londrina entre os anos de 1934 e 1949. Foi na Alemanha, sua terra natal, onde fez amizade com dirigentes da Companhia de Terras Norte do Paraná, que o indicaram Londrina como destino, onde chega em meados de agosto de 1934 em companhia de sua esposa e de seu filho. Stenders é, portanto, um dos primeiros fotógrafos a se fixar na cidade e registra sua 'inauguração', visto que a fundação oficial fez-se em 10 de dezembro daquele ano.

Aqui, projetam-se luzes sobre instantes, pessoas, cenários, memórias e esquecimentos fixados em sais de prata que repousaram por mais de setenta anos em caixas, álbuns, latas, sob a poeira.

As mais de cento e sessenta fotografias de Carlos Stenders aqui presentes encontram-se ora dispersas entre os artigos, ora em sequência temática. A maioria destas imagens permaneceu até hoje inédita nos circuitos públicos, visto que em muitas ocasiões Carlos Stenders fotografava para si, por interesse e paixão própria. Onde havia multidão, onde havia luz e sombra, lá estava ele a registrar, em negativos de vidro ou de acetato, desde a derrubada da mata às primeiras missas, as primeiras ruas e praças, os primeiros amores de uma terra de imigrantes.

Dentre as fotografias que compõem este livro, foram poucos os casos em que fotografou a pedido da Cia. de Terras Norte do Paraná, da prefeitura de Londrina ou para clientes particulares. A fotografia é um modo de estar no mundo, uma experiência estética cujas motivações estão muito além do retorno financeiro ou social.

Para iluminar algumas das perguntas que cada fotografia guarda em silêncio, foi-se ao encontro com familiares do fotógrafo, em que se entrevistou Rosemarie Stenders, a filha (em Cambuquira-MG), e Carlos Stenders Neto, o neto mais velho (no Rio de Janeiro-RJ). Com suas preciosas colaborações, cedendo informações e fotografias da família, pode-se entender melhor a trajetória do fotógrafo, que se apresenta nas próximas páginas como **Fotobiografia de Carlos Stenders**. Na sequência, **Foto Arqueologia das Estrelas** traz informações sobre o acervo, o projeto e as parcerias que viabilizaram esta publicação.

Para que diferentes olhares sobre a importância destas imagens se revelem, foram convidados pesquisadoras e pesquisadores para a escrita de um texto livre sobre os sentidos que estas lhes despertaram. Como frutos desta provocação, apresentam-se os artigos:

- **Ir ao encontro do tempo**, de Etienne Samain;
- **Paisagem Vernacular Londrinense. O olhar de Stenders**, de Humberto Yamaki;
- **Um pouco de sombra para tanta luz**, de Tony Hara;
- **Por que as fotografias de Stenders nos comovem?**, de Regina Célia Alegro, Célia Rodrigues de Oliveira e Rui Cabral.

Na terceira parte, + **Fotos e grafias**, a estrada é aberta aos leitores e leitoras para um caminhar livre e rico em detalhes. Siga em frente com atenção - recorte, amplie, mergulhe - pois há muitas surpresas entre os trilhos e as trilhas do tempo. Boa viagem!

Os organizadores.

Na foto à esquerda, registro da Primeira Missa Campal, celebrada no terreno onde seria futuramente construída a Igreja Matriz de Londrina. 11 de março de 1934.

Fotobiografia de Carlos Stenders

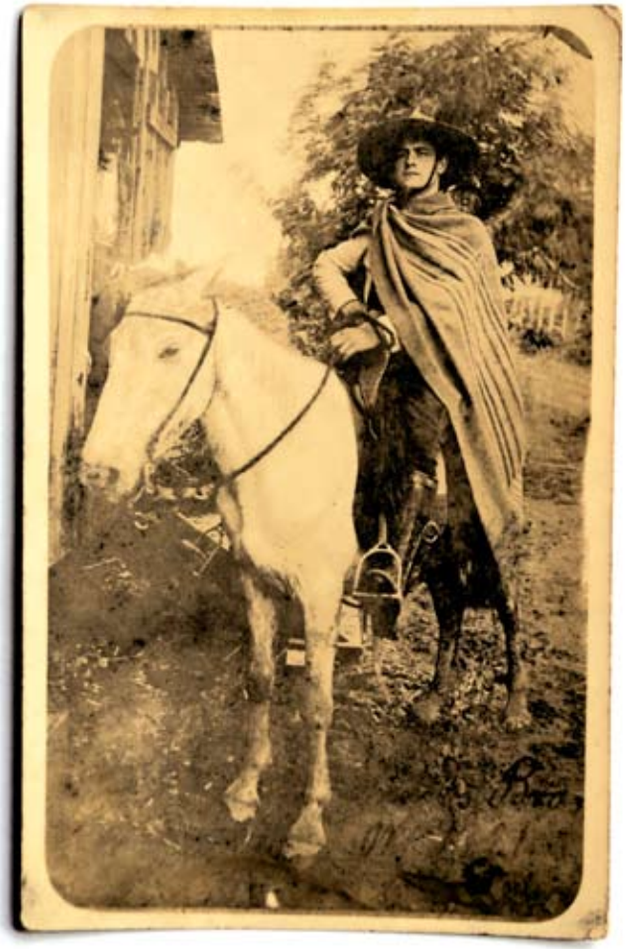
Por Daniel Choma, Tati Costa e Edson Vieira com a colaboração de Rosemarie Stenders e Carlos Stenders Neto.

1900-1921

Karl Richard Stenders, nome de batismo de Carlos Ricardo Stenders, nasceu na Alemanha no ano de 1900, na cidade de Krefeld, próximo a Düsseldorf e a fronteira com a Holanda. Filho de Jean Stenders, alemão, e Agnes Stenders, alemã de descendência francesa.

Dos quatorze aos dezenove anos de idade, esteve perto dos horrores da primeira guerra mundial mas, apesar disto, esteve a salvo. Recrutado pelo exército alemão, Carlos Stenders não pôde servir como soldado devido a um problema auditivo, sendo alocado no trabalho nas fazendas, quando então fez o curso de técnica agrícola.

Após o término da guerra, descontente com a situação política e econômica da Alemanha, decide então emigrar para Windhoek, uma colônia alemã na África, atual Namíbia hoje. Mas este plano acabou se alterando e ele veio mesmo foi para o Brasil, estabelecendo-se na região de Blumenau, Santa Catarina, no ano de 1921, após longa viagem de navio. É com o conhecimento de técnicas agrícolas, somado a uma prática da fotografia como hobbie pessoal, que Stenders desembarca em terras brasileiras.



Carlos Stenders em Blumenau, Santa Catarina, 1921.
Ao separar-se do excepcional cavalo, companheiro de tantos anos em suas jornadas fotográficas, Stenders chorou.

1921-1925

Ao perceber que as técnicas e instrumentos de trabalho agrícola que trouxera eram bastante avançados para as lavouras do Brasil, Stenders desiste de atuar na sua área principal de estudo. Carlos Stenders passa, então, a trabalhar como fotógrafo. A cavalo e portando pesado material fotográfico, acampando de lugar em lugar, atendia às famílias das inúmeras colônias germânicas da região de Blumenau.

É neste período que realiza também viagens à região dos Campos Gerais do Paraná e ao litoral de São Paulo (Santos e Ilha Bela), onde produziu preciosos registros fotográficos de paisagens e do cotidiano local. Em plena década de 1920, percorrer estes lugares era como visitar a selva amazônica...

Em 1925, após quatro anos a galope com seu cavalo, câmeras e muitos negativos de vidro, eis que sua mãe, Agnes Stenders, que então residia na Alemanha, sofre um acidente, ao cair da escada e ferir a coluna. Para estar próximo e poder cuidar dela, Carlos Stenders retorna à Alemanha.

1925-1934

De volta a Alemanha, atua como repórter fotográfico esportivo próximo a cidade de Colônia. Registra de corridas de cavalo a lutas de boxe.

Em 1930, casa-se com Gertrud Schmitz e seu primeiro filho, Karl Heinz Stenders, nasce três anos depois, em 13 de janeiro de 1933 em Krefeld. Foi lá que viveram seus primeiros anos de casado.

Em 1934, Carlos Stenders recusa-se a filiar-se ao Partido Nazista, e por este motivo é demitido do emprego de repórter fotográfico.

Como forma de sair daquela difícil situação, decidem então emigrar novamente ao Brasil, fixando residência em Londrina-PR por sugestão de amigos ingleses e russos que trabalhavam na construção de uma estrada de ferro no interior do Paraná, financiada pela Companhia de Terras Norte do Paraná. Carlos Stenders cruza novamente o oceano Atlântico, agora em companhia de sua esposa Gertrud e o filho Karl Heinz, então com um ano e meio de idade.

Na foto acima, registro do casamento de Gertrud Schmitz e Carlos Stenders, em 1930.
Abaixo, o casal e seu primeiro filho, Karl Heinz Stenders, em 1933.

Acima, aspecto de uma rua de Londrina no início da década de 1930.
Conforme dizia o dito popular, "Londrina é só fama, quando não é a poeira, é a lama".
Abaixo, Karl Heinz Stenders (ao centro) em companhia de seus amigos em Londrina.

1934-1938

A mudança repentina de Krefeld para o norte paranaense foi um grande desafio, principalmente para Gertrud Schmitz Stenders, esposa de Carlos Stenders. Segundo contou a filha mais velha, Rosemarie Stenders:

"Minha mãe sofreu muito... Imagina, eles moravam num apartamento montado, na Alemanha, naquela época, com todo conforto... E ir para Londrina, onde tudo estava começando. Por isso que eu falo, imigrante tem que ter muita coragem. E uma coisa é você ter o sonho de mudar para outro país. Mas quando você tem que sair, por força das circunstâncias... Enfrentar tudo isso... Precisa ter coragem." (Rosemarie Stenders)

Gertrud Schmitz, nascida em 1905 em Köln (Colônia), Alemanha, era filha de pai holandês e mãe alemã. O relacionamento entre Gertrud e Carlos Stenders era bastante harmônico.

"Meu pai era Gêmeos e minha mãe Capricórnio... Eles se entendiam muito bem. Minha mãe era mais equilíbrio, como mulher, meu pai era mais falante, mais comunicativo. Ele que decidia as coisas, as compras e os investimentos". (Rosemarie Stenders)

Logo que se estabelecem em Londrina, por volta de julho de 1934, Carlos e Gertrud adquirem uma das seis casas de alvenaria existentes na cidade – todas as outras eram de madeira – , situada na Rua Mato Grosso, 682 (mais tarde renumerado para 792).

O primeiro empreendimento da família foi a montagem de uma padaria em sociedade com um amigo conterrâneo. Porém, a empresa não durou muito tempo, pois o sócio os abandonou. Em seguida, planejam abrir um bar, considerando que já possuíam o mobiliário necessário. Mas não tardou muito para que a pequena população da cidade logo descobrisse que Carlos Stenders era fotógrafo, um dos poucos em toda região. Os balcões, armários e vitrines da padaria acabariam sendo usados para guardar imagens...

Da esquerda para a direita: 1. câmeras na vitrine do Foto Estrela; 2. evento cívico na Praça Marechal Floriano Peixoto; 3. Carlos Stenders (a direita) com um amigo da Cia. de Terras Norte do Paraná.

Em seus primeiros anos na região de Londrina, Stenders percorreu muitas ruas e estradas de terra com suas objetivas, utilizando ora uma grande câmera de madeira cujos negativos eram pesadas chapas de vidro, ora a compacta Rolleiflex (sua preferida), que registrava imagens em negativos de acetato formatos 6x6 cm e 6x9. Tinha também uma Agfa, de porte médio, onde registrava imagens em 6x12 cm.

"Mas ele gostava mesmo é da caixinha com duas lentes, a 'Rollei'. E das caixas de vidro com lente Zeiss que ele tinha, as várias objetivas..." (Carlos Stenders Neto, neto mais velho).

Foi com estas câmeras que registrou desde a construção da ponte sobre o Rio Tibagi à colocação dos trilhos e a chegada do primeiro trem na Estação Ferroviária de Londrina; do erguimento do cruzeiro à primeira missa, a construção da Igreja Matriz e suas reformas; as primeiras casas, ruas, praças, prédios, festas, desfiles, funerais. Uma cidade em inauguração.

"Os eventos, as inaugurações, os comícios, ele tem um monte de fotos desse tipo. Acho que era o cacoete de repórter, pois aqui em Londrina ele não era repórter! Mas ele saía atrás dos eventos... Daí, se ele pudesse vender uma ou outra foto, até seria bom, mas o motor não era vender a foto." (Carlos Stenders Neto).

Mas a demanda era grande e a própria Companhia de Terras Norte do Paraná foi um dos seus primeiros clientes, que chamava Carlos Stenders para fotografar eventos da empresa, além de realizar registros que ilustrassem a produtividade das terras vendidas pela empresa para fins de propaganda institucional. Fazendeiros de café também eram grandes clientes de Stenders, que apreciava fotografar cafezais em flor e as colheitas do ouro verde que atraía riquezas, multidões, esperanças e desilusões.

Londrina fervia com o café, sua população saltava ano a ano e, ao ver que a demanda por serviços fotográficos prosperava, Carlos Stenders inaugura o Foto Estrela (inicialmente grafado como Photo Estrela), no ano de 1938.

Começo do Photo Estrela, ainda sem a vitrine e grafado com Ph. Na porta, Carlos Stenders, em 1938, ano de fundação da loja, laboratório, estúdio e atelier fotográfico.

Na porta, Roberto Schupp, suíço, gerente do Foto Estrela. Ao lado da vitrine, um funcionário. Entre 1938 e 1939.

Pouco a pouco, a fachada principal do Foto Estrela foi se transformando.

Da esquerda para direita, Carlos Ricardo Stenders (fundador do Foto Estrela), Roberto Schupp (gerente), Karl Heinz Stenders (filho) e funcionárias do Foto Estrela.
Em frente a primeira sede, situada na Rua Mato Grosso, 792, no centro de Londrina. Final da década de 1940.

1938

No terreno do Foto Estrela, situava-se, além do estúdio, loja, ateliê e laboratório fotográfico, a residência da família Stenders. Foi lá onde nasceu Rosemarie Stenders, a segunda filha do casal, em 1938. À direita, uma foto sua, colorida à mão pelo pai coruja. Colada sobre um papel acartonado, o mesmo utilizado na entrega de fotos aos clientes. E assinada.

Carlos Stenders era bastante metódico, apreciava e se dedicava em retocar os negativos de vidro. Segundo o neto, "ele fazia retoque à mão mesmo, era super meticuloso. Era quase como uma pintura. Os retoques eram feitos com pinceizinhos muito finos e com laminazinhas... Você já fez isso?"

Acima do texto, reunião no atelier do Foto Estrela, localizado nos fundos do prédio.
No alto à direita, Stenders e seu assistente no laboratório do Foto Estrela.
Na página à direita, Carlos Stenders a retocar imagens no negativo de vidro.

Panchrom
Orthochrom
ZEISS
IKON

Filmes, revelações, ampliações.
Fotostática, fotocópia.
Cores e retoques em fotos preto e branco.
O 3x4 e a 30x40.
Um quadro com a foto de um cafezal.
Igreja matriz, um índio, São Paulo.
Um quadro de Getúlio Vargas
em duas poses diferentes.
Bandeira do Brasil.
Postais do Paraná com Araucárias.
Fotos de estúdio.
Retratos, formaturas, o seu bebê.
Primeira comunhão.
Casamentos, molduras.
Bodas de prata.
Bodas de ouro.
Lembranças.
Acessórios e câmeras Zeiss Ikon,
como as que Stenders usava.
Indústria, comércio, lavoura, arte.
Tudo se podia encontrar
no Foto Estrela,
laboratório loja estúdio.
Ateliê e armazém
do imaginário de Londrina,
sua gente e seus olhares,

Nas fotos, vitrines do Foto Estrela. Início da década de 1940.

MATERIAIS QUIMICOS
FOTO

1939 – 1947

No início de 1939, Gertrud, sua esposa, viaja a Alemanha para cuidar do pai, que estava adoentado. Em companhia da filha Rosemarie, com um ano e meio de idade, e o filho Karl, com quatro anos, mal podiam imaginar que aquela viagem marcaria suas vidas...

Poucas semanas depois de se instalarem em Krefeld, teve início a Segunda Guerra Mundial, o que os impediu de retornar ao Brasil. O reencontro de Carlos, Gertrud e seus dois filhos só se faria oito anos depois, em 1947.

Em Londrina, isolado da família, Carlos Stenders também sofreria as consequências da guerra, já que a perseguição aos alemães ultrapassou fronteiras e, infelizmente, limites do bom senso, afetando imigrantes alemães no Brasil que nada tinham a ver com o conflito.

Foi nesse período da guerra que ele se nacionalizou brasileiro, e que seu nome de batismo, Karl Richard Stenders, ganha a alcunha de Carlos Ricardo Stenders. Foi graças às amizades que cultivava na cidade, que conseguiu estar a salvo.

"Muitos imigrantes foram levados presos para Curitiba só por serem alemães. E meu pai só não foi preso por causa de uma carta do cartório Rocha. Eles deram essa referência, essa carta pro meu pai, atestando que era um cidadão de bem. Com isso conseguiram protegê-lo." (Rosemarie Stenders)

"Os parentes dele, o pessoal da colônia, estavam todos em campos de concentração. As terras foram tomadas, os negócios, tudo ficou muito difícil. E ele andar com uma câmera fotografando... Podiam achar que ele era espião! Ele se naturalizou brasileiro para escapar dessa história". (Carlos Stenders Neto)

Isto explica porque, entre 1939 e 1945, Stenders para de fotografar os espaços e eventos públicos de Londrina, focando-se então mais nas atividades internas do estúdio, loja e laboratório Foto Estrela.

A comunicação com a família se dava por cartas, que com dificuldade conseguia enviar a Alemanha através da Cruz Vermelha, junto com alimentos enlatados.

"E nós ficamos lá oito anos. Eu nem conhecia meu pai! Em 1947 nós voltamos no primeiro navio que veio da Alemanha pra cá, porque eu era brasileira. Eu tive um passaporte especial para sair da Alemanha. Você vê a história! E meu pai sozinho..." (Rosemarie Stenders)

581

Nas fotos desta página: mais acima, Rosemarie Stenders, Gertrud Schmitz Stenders e Karl Heinz Stenders. Logo abaixo, Rosemarie é fotografada pelo pai, com diferentes idades. Na página à esquerda, primeira comunhão no Colégio Mãe de Deus (Rose é a primeira, da direita para esquerda, no 3º degrau).

1949 – 1952

O fato de Rosemarie Stenders, a filha mais nova, haver nascido no Brasil, ela, sua mãe e seu irmão conseguem prioridade para embarcar num dos primeiros navios que partiram da Alemanha para o Brasil, o Santarém, após oito anos de isolamento. O reencontro enfim pôde se realizar e Carlos Stenders volta a conviver com os filhos e a esposa.

Rose, como é chamada pela família e amigos, foi estudar no Colégio Mãe de Deus, finalizando lá o primário e depois se transferindo para o Ginásio Londrinense. Ela, que seria a modelo para vários estudos de iluminação de Stenders, sempre que chegava um novo filme. Conforme revelou em entrevista: "Eu era a cobaia! Chegava um filme novo, da Kodak, ou da Agfa: — Rose, vem cá! Aí ele tirava, para um lado, para outro... (risos)"

A quantidade de serviços no Foto Estrela era tão grande que até mesmo os filhos, já pré-adolescentes, eram envolvidos nas tarefas de secar as fotos. Além de Stenders e do gerente e amigo Roberto Schupp, trabalhavam duas funcionárias na loja e outros dois funcionários no laboratório e ateliê. Os eventos externos, a serviço da prefeitura, comerciantes e fazendeiros, eram fotografados por Stenders.

No estúdio fotográfico, a demanda saltava conforme o crescimento da população, e um dos serviços bastante solicitados era o de retratos de crianças. Assim contou Rose: "Bebezinho, criança de um ano ou dois... Ele fazia uma montagem no tamanho 30x40 cm, com várias fotos. Então tinha foto da criança rindo, a criança chorando, diferentes poses. E isso, por causa de ser criança, levava horas, porque a criança não faz do jeito que você quer. Então isso foi cansando ele..."

Sucedeu-se que Karl, o filho mais velho, não se adapta a poeira da terra vermelha de Londrina, desenvolvendo uma alergia, o que o obriga a completar os estudos em um colégio interno em Campinas-SP. Após uma visita e passeio no estado de São Paulo, Stenders e Gertrud conheceram Embu (das Artes), trinta quilômetros ao sul da capital. O clima da região os atrai e lá compram uma chácara, no ano de 1951, onde constroem uma casa e para onde se mudariam definitivamente em 1952.

Cenas do dia da compra do Foto Estrela de Carlos Stenders pela família Yasunaka. Por alguns meses, Yutaka Yasunaka, filho mais velho de Suejiro Yasunaka, foi aprendiz de Stenders, de quem herdou algumas de suas fotografias realizadas no início da década de 1950 em Londrina.

Inicialmente, fora arrendado somente o ponto da loja, sendo que o estúdio e laboratório permaneceram sendo de Stenders, mas administrados por Roberto Schupp, o gerente. Com a mudança deste para o estado de São Paulo, o estúdio, loja e laboratório Foto Estrela foi reaberto na Rua Maranhão, 331, onde permaneceu em atividade até 2008. Oitenta anos a revelar Londrina e sua gente.

PERSONENBESCHREIBUNG

Name Stenders
Vornamen Karl Richard
Geburtstag 2. Juni 1900
Geburtsort Krefeld
Größe in cm und Gestalt 173 cm, schlank
Gesichtsform oval
Farbe der Augen braun
Unverwechselbare Kennzeichen Narbe hinter dem linken Ohr
Beruf Kaufmann
Wohnort Krefeld - Uerdingen

Nr. 1281970

Unterschrift des Paßinhabers

Es wird hiermit bescheinigt, daß der Inhaber die durch das obenstehende Lichtbild dargestellte Person ist und die darunter befindliche Unterschrift eigenhändig vollzogen hat.

Krefeld den 25. Mai 1951
Der Oberstadtdirektor
Passamt
Stadtamtmann

Nr. 1281970

Logo acima, cópia do passaporte que Carlos Stenders tirou quando de sua visita a Alemanha, em 1951. No topo desta página, fotografias de esculturas e quadros produzidos por Stenders em Embu (das Artes) -SP, década de 1970. Acervo: Rosemarie Stenders.

1952 - 1993

Após o fechamento do negócio de venda do Foto Estrela à família Yasunaka, Carlos Stenders, esposa e filhos mudam-se para Embu (das Artes), no estado de São Paulo. Lá, Carlos Stenders continua trabalhando com a fotografia, ao lado de Roberto Schupp, abrindo um Foto Estrela na Vila Sônia, subúrbio da capital.

Nos primeiros anos longe de Londrina, a cada quinze dias Stenders embarcava num ônibus e ia visitar a região, onde mantinha propriedades. Pouco a pouco, porém, suas visitas vão se tornando menos frequentes.

Após o fechamento do foto na Vila Sônia, Stenders coordena empreendimentos na área da indústria e ao se aposentar passa a atuar como artista plástico, realizando diversas obras e dedicando-se ativamente na consolidação da Associação dos Artistas Plásticos de Embu-SP. Stenders fazia esculturas em terracota e pintura, envolvendo-se na década de 1970 com o movimento artístico que consolidaria a cidade, Embu (das Artes), como uma referência na área.

Carlos Ricardo Stenders faleceu em 05/10/1993, aos 93 anos de idade, deixando então dois filhos, quatro netos e onze bisnetos. Sua esposa, Gertrud, faleceu em 27/12/1992, aos 88 anos. Fica aqui a homenagem a todos os familiares e o agradecimento pelas informações e fotos cedidas.

FOTOCOPIA
FOTO ESTRELA
FOTO-MATERIAL

Foto
arqueologia das estrelas

Daniel Choma, Edson Vieira e Tati Costa

As imagens aqui presentes foram selecionadas dentro de um conjunto de mais de setecentas fotografias realizadas por Carlos Stenders em Londrina entre as décadas de 1930 e 1940. Elas integram atualmente a coleção Foto Estrela do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, composto por negativos de vidro e acetato, slides, fotografias em papel, objetos e documentos. Imagens complementares, que ilustram a Fotobiografia de Carlos Stenders, foram gentilmente cedidas por Rosemarie Stenders, a filha mais nova, durante entrevista com os organizadores deste livro.

A edição teve como critério a escolha por fotografias que apresentassem os principais espaços públicos de Londrina, deixando em segundo plano os registros de eventos privados, tais como jantares da Companhia de Terra Norte do Paraná, atos administrativos da prefeitura de Londrina, entre outros, também amplamente documentados por Stenders.

Foi a diretoria do Museu Pe. Carlos Weiss quem propôs a nós – Edson Vieira, Daniel Choma e Tati Costa – uma parceria para o desenvolvimento de ações, aos moldes do que já havíamos realizado de forma independente entre 2005 e 2012 junto às fotografias de Yutaka Yasunaka e de Carlos Stenders. Nos projetos anteriores, as imagens estavam sob a salvaguarda de Yutaka e se referiam a registros realizados em Londrina por ele entre os anos de 1952 e a década de1970. Ele, que adquirira o Foto Estrela de Stenders em 1952, chegou a guardar uma centena de fotografias realizadas pelo alemão nos meses anteriores ao fechamento do negócio, e estas também integraram as publicações, exposições fotográficas e atividades de educação patrimonial em escolas então realizadas.

A (re)descoberta das imagens realizadas entre 1934 e 1949 por Carlos Stenders em Londrina foi uma grata surpresa. Um presente que se conclui em 2014, quando a cidade comemora 80 anos de emancipação política.

Para este trabalho foi aplicada a metodologia do projeto **Revelações da História** que, após oito anos de realizações, já atuou sobre cinco acervos fotográficos, em três cidades diferentes. Organizada nos eixos Conservação, Pesquisa e Difusão, trata-se de uma tecnologia social que promove o acesso público à memória social e ao patrimônio cultural representado pelas fotografias e narrativas a elas relacionadas.

Neste novo desafio, contou-se com o apoio institucional do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, que disponibilizou as imagens para edição deste livro. Ao receber os materiais necessários para a higienização e acondicionamento dos materiais fotográficos que estavam e permanecem sob sua tutela, sua equipe pode realizar o trabalho de limpeza, acondicionamento, catalogação e digitalização de todo negativos, slides, documentos e fotografias em papel.

Além de receber o acervo digital das fotografias de Carlos Stenders e Yutaka Yasunaka, que vem sendo recuperadas e catalogadas pela equipe da Câmara Clara desde 2005, vinte por cento dos exemplares deste livro serão repassados ao Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, que poderá distribui-los gratuitamente ao seu público-alvo ou comercializá-los e arrecadar recursos para sua manutenção. Outros cinquenta por cento dos exemplares terão distribuição gratuita, dirigida a escolas públicas da rede municipal e estadual de ensino, bibliotecas e instituições culturais.

Deste modo, cumpre-se o objetivo social do projeto **Revelações da História**, de democratizar o acesso aos produtos gerados com recursos públicos e fortalecer pessoas e instituições que trabalham na conservação de acervos e coleções fotográficas.

Todas estas ações só foram possíveis graças ao apoio do Promic - Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Londrina, via editais de projetos independentes. O programa se demonstra exemplo para todo o país, vide os prêmios recebidos e os resultados que vem sendo gerados desde 2002. Porém, para que continue avançando, é necessário que as forças políticas conscientizem-se de sua importância para a cidade e que lutem pela ampliação dos recursos do Fundo Municipal de Cultura. Cortes podem resultar em esquecimentos, no aniquilamento da memória e dos patrimônios culturais.

Afinal, não fosse a política cultural implementada pelo Promic e não fosse a sensibilidade de Carlos Stenders e Yutaka Yasunaka e de seus familiares, de encaminhar suas fotografias para instituições museais de conservação e difusão, estas imagens não teriam vindo a público. Continuariam guardadas sem os cuidados necessários, talvez se perdessem para sempre. Assim, exposições, livros, peças, filmes, pesquisas, objetos, lembranças – tudo aquilo que estas centenas de imagens já inspiraram –, permaneceriam adormecidos. Seriam pó, esquecimentos, retratos perdidos de uma cidade em amnésia.

A memória social é um direito que só será acessado pela maioria da população brasileira com o apoio do estado, já que não se insere na lógica do mercado. Seu valor não está relacionado a cifras, nem safras. O universo do patrimônio cultural imaterial transita na órbita do intangível, do imensurável, do essencial.

Uma fotografia antiga é como a luz da estrela que atravessa o tempo, a encontrar olhares, pensamentos e sentimentos em terra distante, fazendo-os imaginar, fazendo-os sonhar.

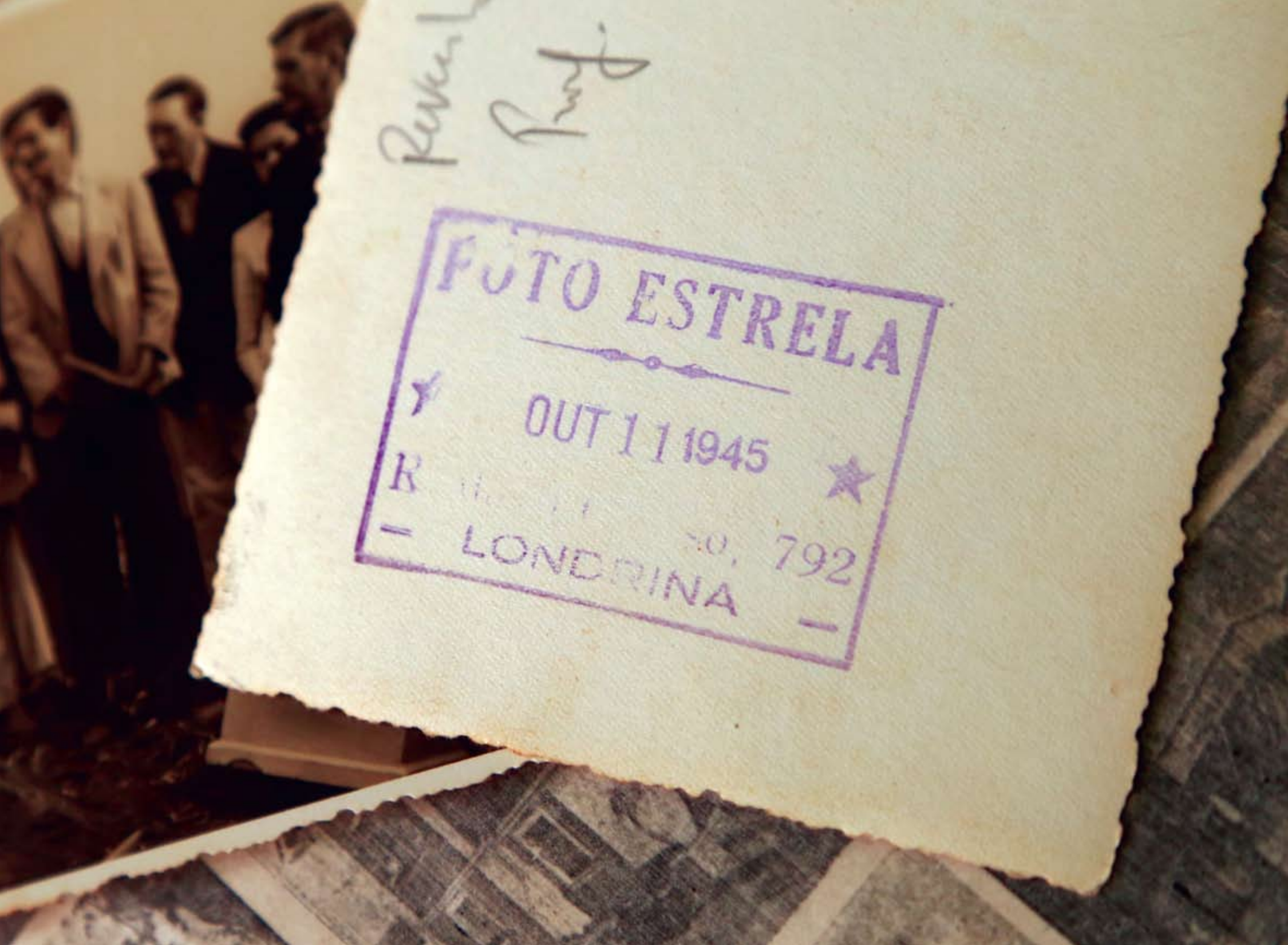


FOTO ESTRELA
OUT 11 1945
LONDRINA
792

Fotografias são vestígios da cultura humana, pegadas que vão sendo cobertas pela poeira do tempo. Pouco a pouco, dia a dia, novas imagens vão sendo registradas, e as mais antigas ou menos usadas vão sendo guardadas em caixas, latas, armários, gavetas, baús, álbuns, cadernos, bolsas, carteiras, envelopes... No lixo.

Grão a grão, pó ante pó, misturam-se a outros guardados do cotidiano – papéis, contas, sapatos, roupas, canetas, garrafas, tecidos, revistas, postais, o negativo perdido, imagens latentes, a carta jamais enviada.

Mas os ventos do cotidiano, que pouco a pouco soterram as fotografias, também têm o poder de fazê-las emergir, como nas dunas que de tempos em tempos desencobrem a vila que havia soterrado. Ao se revelar na superfície do presente, diante de olhares incrédulos de pesquisadores apaixonados que sentem estarem diante de um pequeno tesouro – e estão – , as fotografias ensinam que sob o chão de cada cidade há muito mais do que as ilusões podem supor.

Como objeto físico, a fotografia é papel, vidro, acetato, sais de prata, coisa da alquimia. Como objeto da cultura, é simulacro, máscara, maquete, gravura, impressão, aparência, representação. Como objeto do olhar, pulsa, reage, choca, desperta, movimenta, amplia, emociona, ilumina, aterroriza, dá a luz. É vivido como representação do real, sentido como uma presentificação do passado, mas trata-se do imaginário em carne e osso... E com asas!

Mas as fotografias antigas precisam de arqueólogos (de todas as áreas do conhecimento) que as resgatem – sim, esta é uma operação de salvamento. Não se trata de resgatar o passado, mas resgatar objetos perdidos, reuni-los, dar-lhes força, protegê-los, pois que são memória, a base da estrada por onde caminhamos, das casas que habitamos.

É por isto que aqui se ressalta a importância das instituições de preservação e difusão da memória social, tais como museus, arquivos públicos, associações culturais, Pontos de Memória, entre outros. Conservadas e tornadas acessíveis para o público, as fotografias reanimam o imaginário, fortalecem identidades e geram o sentimento de pertencimento, tão importantes em tempos de globalização e desterritorialização cultural.

Esta publicação reúne fragmentos fotográficos com a intenção de que os personagens do presente apropriem-se destas imagens, conferindo-lhes usos e leituras que tenham força criativa para gerar novos objetos. Outros sítios de memória a desafiar futuros pesquisadores, arqueólogos, escafandristas, estudantes e artistas. Novas camadas de pó para as ventanias da história (redes)cobrirem.

Este livro é dedicado à memória de Carlos Stenders (1900 - 1993) e **Yutaka Yasunaka (1926 - 2015).**

LONDRINA

L 31.000k
T 10.500k

Chegada do primeiro trem na Estação Ferroviária de Londrina, atual Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss. 28 de Julho de 1935.

Ir ao encontro do tempo

Etienne Samain. *

« Sempre, diante da imagem, estamos diante do tempo.
Diante de uma imagem - tão antiga que seja -
o presente não cessa de reconfigurar-se.»
(Georges Didi-Huberman)

São cerca de125 fotografias realizadas nas décadas de 30 e 40 do século passado, quando, nas terras adquiridas pela Companhia de Terras Norte do Paraná, nascia Londrina.

125 fotografias, a maioria delas produzidas por Carlos Stenders (1900-1993), um alemão, agrônomo de formação, que se firmou fotógrafo no Brasil, atuando primeiro na região de Blumenau. E em torno de 1934 ele chegava numa cidade, um tanto fantasmagórica ainda, batizada com o nome de uma capital do velho continente.

125 fotografias reencontradas num fundo de comércio, entre outras centenas que devem existir... Mas onde? Pouco importa. Podemos, com esses 125 registros de minúsculos fragmentos do tempo humano, descobrir o que são grãos de areia face ao mar e diante do tempo que os levam.

***

Para uns, essas fotografias não dirão absolutamente nada.

Indiferença ou descaso.

Para outros, elas serão as descobertas de um passado que não conseguiam imaginar, os pedaços de uma história que podem, agora, tocar com o olhar.

Estranhamentos, surpresas, questionamentos.

Outros reconhecerão nas fotografias os traçados e os marcos sempre vivos de uma cidade, mas, também, seus vestígios e suas metamorfoses. São lembranças que resurgem, memórias que renascem.

Reminiscências e sobrevivências. Emoções, questões e novas interpelações.

***

Evento de inauguração da Estação Ferroviária de Londrina. 28 de Julho de 1935.

Procurei entrar no tempo dessas imagens.

A maioria delas dizem respeito à fundação de Londrina, ao nascimento de uma cidade que, como todas as cidades, precisou de locais de culto, de praças, de pontes, de estação ferroviária, de barragens, de terreno de pouso, de posto de gasolina, de pontos de ônibus, de ruas e de avenidas, de iluminação e de pavimentação, de canos de água e de tubos de esgoto. As fotografias de Stenders são o inventário e o catálogo dessas exigências infraestruturais perenes, das quais registra, muitas vezes, os momentos simbólicos, ritualísticos e políticos: as fundações e as inaugurações.

São fotografias que não desconhecem as necessidades dos homens que vivem nas cidades. Precisam de grupo escolar [Hugo Simas], de colégio [Mãe de Deus], de ginásio [Londrinense], de Santa Casa, de Fórum de Justiça, de Paço Municipal, de lojas e de comércios, de fábricas e de usinas, de bancos e de tabeliões, de fanfarra e de campo de futebol. Stenders não deixou de lado a existência de um seminário [Vicente Pallotti], e suas lembranças de ruas enlameadas. Colocou na vitrine da sua loja « Foto Estrela » o duplo retrato de Getúlio Vargas que governou o Brasil de 1930 a 1945. Esqueceu o cemitério. As fotografias revelam e escondem sempre fragmentos do tempo que passa, de um tempo que se transfigura.

Todavia se procura, nas fotografias deixadas por Stenders, pessoas humanas. Tais imagens existem, sim, mas são poucas. Por razões técnicas, os corpos e os olhares dos retratados permanecem fixos, graves, inquietos e até desconfiados. O fotógrafo ordena, agrupa, concentra seus atores na sua placa fotográfica. Chega, dessa maneira, a petrificar num andaime operários de uma construção, da mesma forma que congela, num domingo, pessoas arrumadinhas, plantadas como estátuas, sobre os quadros de madeira da fundação da futura igreja matriz.

No entanto, é possível encontrar, em outras fotografias, rostos de homens, de mulheres, de jovens da época. Eles olham para nós e nos fixam. Outras questões surgem quando estouram a película: quem eram eles? O que foi deles? Eis que começamos a fechar nossos próprios olhos para imaginar.

Metaforicamente falando, cada homem é uma pequena cidade que nasce, cresce, se transforma, se perpetua, desaparece gradativamente e se reconfigura.

Nunca seremos nem o começo do mundo, nem seu fim. De passagem, somos um momento, a faísca singular de uma longa história.

***

Uma ampulheta se esconde nas fotografias de Carlos Stenders.

São grãos de areia que escorregam lentamente, fragmentos de tempo humano que desfilam e memórias que nos interpelam.

A cidade não é mais o que ela procurava ser, oitenta anos atrás, com seus cafezais, suas criações de bicho de seda, suas colheitas do milho. No presente desta cidade de mais de quinhentos mil habitantes, as fotografias deixadas por Stenders não são apenas fatos e testemunhos de um passado recente. Elas são espaços de memória, lugares de questionamentos a partir dos quais, podemos (re)pensar os futuros da nossa aventura humana.

* Etienne Samain. Professor titular aposentado da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisador colaborador do Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes e Pesquisador do CNPq. Organizou a coletânea O Fotográfico (2005) e, recentemente, Como pensam as imagens (2012). etienne.samain@gmail.com

Evento de erguimento do cruzeiro. 1934.

Um dos primeiros funerais realizados em Londrina. 14 de setembro de 1934.

Avenida Paraná, saída para Ibiporã, 1935.

Paisagem Vernacular Londrinense. O olhar de Stenders.

Humberto Yamaki. *

Uma fotografia de autoria de Carlos Stenders condensa a atmosfera da Londrina pioneira na década de 1930. O casario de madeira, a floresta imponente logo ali e uma estrada de terra, reta e ondulante, que se perde no horizonte. Esta poderia ser qualquer uma das avenidas Paranás das dezenas de povoados que foram sendo criadas na região. Uma paisagem da memória norte paranaense.

É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que já foi visto... o que está à vista e o que se esconde, afirma Saramago (1980).

A imagem mostra uma paisagem comum, reconhecível, familiar, uma paisagem vernacular. Segundo Jackson (1984) é uma paisagem construída por anônimos, utilizando materiais e técnicas disponíveis, possuidores de uma simplicidade inexaurível em encontrar soluções rápidas.

Estamos a vinte e quatro quilômetros da Estação de Jatahy. A estrada que aparece na foto é trecho de uma picada que ligava Jatahy ao vale do Pirapó e também a Ponta Grossa. Desde meados do século XIX existiam relatos de estradas de tropeiros acompanhando os principais afluentes da margem esquerda do Tibagi. Daí talvez as reminiscências da boiada em passagem.

Este trecho da estrada em subida, é a última reta até chegar a um alto, na cota 600m. Local onde foi projetada e implantada a cidade de Londrina. Marcas de pneus revelam uso intenso. Antes da inauguração da ferrovia em 1935, esse era o único caminho possível de acesso ao empreendimento da Companhia de Terras Norte do Paraná.

Moraes (1927) descreve em seu diário a paisagem da picada para Londrina, onde se pode "encontrar alguns pinheiros, em boa camaradagem com numerosos paus d'alho e figueiras brancas, jangada brava, jaborandy rajado, cambará e lindos palmitaes, que constituem os mais lídimos padrões vegetais de terra roxa de primeira qualidade. Mattas de magestosa fronda, com madeiras grossas como peroba, timbury, guarita, algumas cabreúvas e grayuviras."

O casario de madeira, obedecendo a recuos padrão, apresenta linguagens múltiplas de carpinteiros de variadas etnias e maestrias, com diferenças reconhecíveis na forma, inclinação do telhado e aberturas.

Segundo anotações atribuídas a Smith (1936), o custo de uma casa de palmito coberto de tabuinhas de cedro, pinho ou timbury, sem assoalho, era de 20$000 o m2, e uma casa de madeira coberta de telha francesa, com forro e assoalho, 36$000 o m2. O custo de vida na época era de 3$000 por pessoa/dia. Assim, construir era ato de otimismo. (Yamaki, 2006)

Uma pequena placa de dentista está afixada na segunda edificação de madeira à esquerda. Não existem segredos. Segundo Lewis (1979), a paisagem é como uma autobiografia inconsciente onde nossos defeitos, virtudes e glórias estão gravadas. As qualidades estão ali para serem observadas por quem se interesse e tenha domínio do olhar.

Londrina, um alto, um caminho, uma paisagem vernacular no olhar de Stenders.

* Humberto Yamaki, Coordenador do Laboratório de Paisagem da Universidade Estadual de Londrina.

Benção do Cruzeiro em madeira em frente ao local onde seria construída a futura Igreja Matriz de Londrina. 01 de abril de 1934.

Por que as fotografias de Stenders nos comovem?

Regina Célia Alegro, Célia Rodrigues de Oliveira e Rui Cabral.
Museu Histórico de Londrina.

O olhar de Stenders

Ao longo de 70 anos o Studio Foto Estrela, fundado por Carlos Ricardo Stenders e adquirido por Yutaka Yasunaka, registrou acontecimentos e produziu uma coleção fotográfica expressiva para a cidade de Londrina e o norte do Paraná. Tanto no que diz respeito ao conteúdo das informações, contidas nas suas imagens, quanto ao volume, chama atenção a diversidade temática e a qualidade técnica dos registros.

Cada peça da coleção Stenders constitui um fragmento especial carregado de possibilidades narrativas, com numerosos significados temporais nas informações extraídas das fotografias quando tratadas e estudadas para fins de conservação e organização do acervo. Tal ocorre também na pesquisa relacionada à cidade e região.

Se a fotografia não é em si mesma uma prova de verdade – afinal, "As fotografias não mentem, mas mentirosos podem fotografar", numa ironia de Peter Burke – seus predicados subsidiam a reflexão daqueles que indagam sobre lugares, personagens e temporalidades. A motivação do fotógrafo, sua intencionalidade, a boa qualidade técnica e artística da fotografia favorecem o diálogo entre o passado e o presente: ser fotografado é ser "apreendido por categorias estéticas e epistemológicas", ou seja, por um olhar amparado em códigos já estabelecidos. E pesquisar é, em última instância, dirigir perguntas à fonte iconográfica, buscando desvendar o seu conteúdo num determinado contexto histórico, além de revelar os códigos que a determinaram. O refinamento do fotógrafo Stenders, sua técnica e seus fundamentos contribuem para esse processo.

Belas narrativas sobre Londrina

Carlos Ricardo Stenders foi um dos principais fotógrafos de Londrina, sendo reconhecido por seu trabalho no Studio Foto Estrela. Grande parte das fotografias documenta meados dos anos 1930 até o início dos anos 1950.

Imigrante alemão, Stenders foi responsável por capturar imagens da urbanização da cidade, cenas em praças, ações da Companhia de Terras Norte do Paraná, a construção da antiga igreja matriz, ruas da área central e indústrias – como a Cervejaria. Elas compõem sua coleção guardada no Museu Histórico de Londrina. O fotógrafo também deixou registrados eventos políticos e culturais, como a inauguração da estação ferroviária e vários desfiles realizados na Avenida Paraná. São fotos de registro, jornalísticas e sociais.

Fotos que buscam a expressão humana também fazem parte desse acervo. Há cenas do cotidiano de moradores na época em que Londrina se organizava de forma bem diferente da que conhecemos hoje. Pessoas em bosques, trabalhando no campo, alunas do Grupo Escolar Hugo Simas, ou os seminaristas do Vicente Palotti, nos lembram um passado não muito distante, porém muito diferente, hoje, parte da memória.

O acervo do Studio Foto Estrela foi, depois, ampliado com o trabalho do fotógrafo Yutaka Yasunaka. Em 1952, Stenders vendeu seu estúdio para a família Yasunaka. O legado de ambos –, incluindo-se aí seus acervos pessoais, além do produzido no Foto Estrela – é muito valioso para a memória fotográfica de Londrina.

Esta publicação privilegia imagens da cidade no final dos anos 1930 e na década de 1940. O recorte é especialmente importante para as instituições de memória da cidade, dada a "escassez", nos acervos gerais, de imagens relativas aos anos 1940. Vale ressaltar, também, o fato de propiciar o estudo do desenvolvimento urbano de Londrina, pelas primeiras pavimentações com paralelepípedos, as primeiras praças, adequação do terreno para a praça Willie Davids, o levantamento do cruzeiro da igreja matriz, entre outros acontecimento que marcaram a silhueta da cidade.

A coleção revela que no espaço urbano as ruas mudam não apenas a feição, mas também seus "papéis" e significados para a coletividade. A Rua Rio de Janeiro, por exemplo, à época, era rua de ligação para a rodoviária e ferroviária, para os grandes bancos e o famoso Bar Líder, onde se "fechavam" importantes negócios. Na Rio de Janeiro, entre a Paraná e a Sergipe, funcionava a "Pedra", espaço de negociações de café, na capital do "ouro verde". Mais tarde foi construído o Edifício América que, ainda hoje, concentra negócios relacionados à seleção e comércio do café.

Até os anos 1940, registra também encontros da vida cotidiana: funerais, inaugurações, missa campal, visita de autoridades, reuniões festivas como aquelas ocorridas na Casa Sete. Nela se acomodavam os funcionários solteiros da Companhia de Terras Norte do Paraná. Numa das reuniões, famosas à época, o grupo de amigos recebe visitantes ilustres. Em tempos de internet nos admiramos com a profusão de encontros interpessoais. Até comícios, desfiles cívicos e inaugurações eram espaços festivos a proporcionar o fortalecimento de laços de amizade, de vizinhança, romances... Tal como as varandas das antigas casas de madeira, lugares que eram instrumento e pretexto para longas conversas com os "conhecidos".

Observando o conjunto da obra de Stenders podemos dizer, através das palavras de Susan Sontag, que "a fotografia transforma o passado em objeto de carinhoso respeito, confundindo diferenças morais e desarmando julgamentos históricos, através do patético generalizado — que é o olhar para o tempo passado".

Um acervo associado a memórias e identidades

As fotografias de Stenders ainda nos tocam, especialmente nos dias atuais, quando a sociedade se fixa no presente. É restrito o espaço para a experiência, o passado não possui significado devido à dinâmica do nosso cotidiano preenchido com computadores e seus "deletes", com televisores, celulares e um mundo saturado de imagens e informação. Nesse contexto "fala-se tanto de memória porque ela não existe mais", disse Pierre Nora. Vários historiadores vêm apontando a dificuldade das novas gerações em debruçar-se – como estudiosos ou viventes –, sobre evidências relativas ao passado.

É preciso retomar permanentemente a discussão sobre a construção das noções de memória e de identidade – memórias e identidades individuais e sociais. Isso implica em revisitar a discussão das noções de diferenças e semelhanças no tempo, relativas à experiência do presente e do passado como exercício fundamental para o reconhecimento do "eu" e do "outro".

Tal processo demanda a mediação de narrativas que permitam lembrar, estabelecer comparativos, relações e distinções em vista da problematização e preservação de memórias e identidades culturais articuladas às práticas cotidianas e expressas nas representações materializadas em registros dos mais variados.

Do nosso ponto de vista, o acervo Foto Estrela, de Carlos Stenders, favorece leituras e ênfases sobre o passado de Londrina e região, a construção de memórias e histórias, de polissemias. Aqui, no acervo, nesse passado e nessas memórias, pode-se procurar elementos para as histórias de Londrina e região.

Construção da linha férrea em Londrina.

Início da construção da primeira igreja católica de Londrina, inaugurada em 19 de agosto de 1934. Todos miram a lente de Carlos Stenders, que os registra em um negativo de vidro. 1934.

Patrimônio a ser defendido

No atual debate em torno do conceito "patrimônio cultural" destaca-se a reconceitualização de patrimônio como relativo a bens culturais que abrange diferentes expressões. O patrimônio é da coletividade, lugar da memória que "expressa a solidariedade que une os que compartilham um conjunto de bens e práticas que os identifica, mas (que) também costuma ser um lugar de cumplicidade social", nas palavras de Nestor Canclini.

No sentido aqui adotado, a coleção Stenders constitui-se, cada vez mais, em patrimônio coletivo a ser explorado na experiência cotidiana, a que constrói memórias e identidades. Para isso, a condição é conservá-lo e preservá-lo para a fruição da coletividade.

Acervo a ser conservado

Conservar a coleção Stenders significa, antes de tudo, estabilizar as fotografias – paralisar ou retardar o processo de deterioração das peças, utilizando procedimentos tecnicamente comprovados.

Para isso é preciso, em primeiro lugar, política pública que reconheça o patrimônio e promova as condições necessárias à sua preservação. Em Londrina, o PROMIC – Programa Municipal de Incentivo à Cultura – cumpre esse papel garantindo não só a pesquisa sobre a coleção Stenders e publicação de resultados, mas também os materiais necessários à sua conservação.

Isso implica em reproduzir, revelar e ampliar negativos, além da identificação de pessoas, cenários e narrativas, contidas nas fotos. É necessário o trabalho de higienização, catalogação, indexação e o acondicionamento em materiais específicos para fotografias e negativos a fim de proteger as imagens, evitando ácidos provocadores de reações danificadoras.

Luz, calor, poluição, ataques de agentes biológicos (como: insetos, fungos, bactérias e roedores), manipulação inadequada e umidade provocam a deterioração do acervo fotográfico. Por este motivo são exigidos procedimentos para a guarda do acervo e a manutenção das condições físicas que requerem cuidados adequados, como por exemplo, o controle de temperatura e da umidade relativa do ar. Esses cuidados são complementados pelo empenho em favor da fruição, da aprendizagem, da reflexão, do compartilhamento da riqueza do acervo com as comunidades.

Para o Museu Histórico de Londrina – espaço de preservação, conservação, fruição, ensino, extensão e pesquisa –, lugar privilegiado de discussão de memórias e identidades, a coleção de Stenders do acervo Foto Estrela relaciona-se com a missão desse Museu. A parceria com os membros do Instituto Câmara Clara, e o patrocínio do PROMIC, mostram que a conservação do patrimônio se torna mais efetiva pelo gesto político e ação coletiva. Agradecemos a oportunidade de participar desse projeto!

Igreja Matriz e o centro de Londrina em 1934.

Trabalhadores das obras de ampliação da Igreja Matriz, 1936.

Um pouco de sombra para tanta luz

Tony Hara.*

Ao ver e rever as imagens reunidas neste livro percebi o efeito colateral de um vício que pratico. Gosto muito de ler. E as vozes, ideias, sentimentos, análises que li se intrometem naquilo que vejo — é inevitável. Olhava uma foto de um prédio em construção, e lá ia o pensamento resgatar o depoimento de uma senhora que com oito anos começou a trabalhar numa olaria em 1951. Via os tijolos e me lembrava das palavras de Lídia Aparecida Balassa:

Comecei a trabalhar com oito anos. Nessa época minha família morava na colônia Três Marcos, eu trabalhava numa olaria, colocava o barro em uma fôrma com nome de gambeta para que o barro secasse e fosse ao forno. Não tinha ideia do valor do meu trabalho, porque era meu pai quem recebia, mas não em forma de dinheiro, mas sim como ordem de pagamento para comprar na venda que existia na colônia.[1]

Modernidade urbana e trabalho escravo na colônia rural. A história, dependendo de como se vê e das relações que se constroem, é surpreendente. Desconcerta, desorienta, por isso é tão apaixonante. E o livro de Carlos Stenders é um livro de história escrito com luz. Uma história das transformações vividas em Londrina e por sua gente entre os anos de 1934 a 1952.

E foi tudo muito rápido. O fotógrafo alemão morou em Londrina por 18 anos. Quando chegou em 1934, a população urbana era de três mil habitantes; em 1952, quando se muda para Embu das Artes (SP), eram 43 mil almas zanzando pela cidade que sonhava ser moderna.

Com o dinheiro das primeiras safras de café, a Cidade Menina de pés descalços procurou se livrar da paisagem rural. Modernizar não era simplesmente construir um novo prédio, bem alto e pomposo, no centro da cidade. Modernizar significava também eliminar da vista os signos do atraso. Os ranchos, as casas de madeira, os galinheiros no fundo do quintal, a boiada estacionada na avenida, água do poço, fossa negra; tudo isso tinha que ser coisa do passado. Não era digno do progresso da cidade — era o que se dizia.

Ao observar vagarosamente as imagens da cidade cercada pela floresta, vejo ali um pedaço do grandioso anfiteatro descrito pelo agrimensor russo Eugênio Victor Larionoff, funcionário da Companhia de Terras Norte do Paraná:

Era uma imensidade verde de milhões de árvores que se assemelhavam a um grande mar verde. Parecia um grandioso e colorido anfiteatro que se perdia de vista nos horizontes longínquos... E era de se admirar! Árvores e árvores se sucediam, verdadeiros gigantes, algumas como a figueira branca, de porte majestoso, talvez alcançando uns quarenta metros de altura, seguida por peroba, cedro, jacarandá, cabriúva, pau-d'alho, imbuia e outras espécies arboriformes, acrescidas de milhões de palmeiras, estendendo-se entre todas uma rica vegetação rasteira, muito densa, ao passo que cipós e outras trepadeiras enroscavam-se e penduravam-se pelos troncos, ligando uns aos outros. A certa distância, essa exuberância de árvores entrelaçadas dava a impressão de uma massa verde, uma cortina compacta e impenetrável. [2]

Para dar conta dessa cortina compacta e impenetrável, a força bruta do sertão: os peões. Um povo meio doido, aventureiro, seminômade, que só sabia abrir caminhos. Um povo que não chegou como proprietário, que não tinha economias para comprar um sítio, uma

data, nem mesmo uma botina. Gente como José Trigo, Marciliano Batista e Marcolino Ferreira, peões habilidosos que trabalharam nos anos 40 sob o comando do agrimensor francês Ludovic Surjus. O filho de Ludovic, Gilberto Surjus escreveu minibiografias, retratos 3x4, desses homens do sertão. Fico olhando as fotos de Stenders procurando encontrar a fisionomia dessa gente.

José Cizenando Trigo: O "rei" dos picadeiros do Paraná. Seu tirocínio nas lides do sertão deixava assombrados, engenheiros e auxiliares, somente se sentia bem na selva, na cidade era um homem deslocado. Ganhava muito bem, mas era capaz de gastar o salário de três meses em uma única noite na "Zona". Faleceu com cerca de 100 anos em Sales de Oliveira, município de Campina da Lagoa.

Marciliano Batista: o "Nego" índio "caingangue" puro, picadeiro tropeiro, "pau para toda obra" inigualável na confecção de cabos para ferramenta. Segundo informação seria hoje um "brasiguaio".

Marcolino Ferreira: Sua capacidade de trabalho ficou lendária pelo rendimento; contam que voltando 90 dias de sertão perdeu todo dinheiro no jogo em uma noite, de manhã voltou para o sertão de novo. Ele sempre pagou suas dívidas. [3]

No sertão adentro pauleira, suor, maleita e almoço às seis da manhã. Na cidade, álcool, jogo e farra com mulherada na zona do meretrício. Esse povo não cabia na cidade idealizada, loteada e vendida pela Companhia de Terras. A parte do trabalho tudo bem, mas a parte da bebedeira, do jogo e da farra depunha contra os foros da cidade civilizada e vendável. E assim esse povo desapareceu da história.

Londrina era no início um grande negócio. Os donos do negócio eram os acionistas da Paraná Plantations Company, empresa criada em 1925, com sede em Londres e comandada por Lord Lovat. A Companhia de Terras era um braço dessa sociedade formada por gente de nobre estirpe. Gente acostumada a não perder dinheiro. Quando o Príncipe herdeiro do trono do Reino Unido veio ao norte do Paraná em 1931, ele não estava a passeio. Indelicado chamar o Príncipe Edward de garoto-propaganda, mas a passagem dele anunciou ao mundo que esse negócio de terras no sertão do Paraná era pra valer e tinha a chancela do Império Britânico.

Aqui algumas palavras de João Sampaio, advogado que acompanhou o Príncipe nessa jornada pelo sertão do Paraná.

O príncipe era grande acionista da Paraná Plantations Company e gostava de viajar. Veio ver como estava sendo utilizada uma parte de sua riqueza pessoal. Lovat e o Príncipe Jorge (irmão do herdeiro do trono) o acompanharam. Em São Paulo governava João Alberto, que o hospedou oficialmente. Providenciou um trem noturno especial, de luxo, para o dia da partida – ida e volta até Cornélio Procópio – a primeira cidade fundada em sertão explorado pela Cia. de Terras, antes de chegar aos seus domínios. Jantou-se no trem; almoçou-se em Leoflora – a primeira estação já na nossa Estrada – em visita à primorosa fazenda cafeeira dos Barbosa Ferraz, de onde os príncipes saíram encantados. Em Cornélio dormimos, todos, no comboio da Sorocabana, e pela manhã, com os príncipes, percorremos um trecho da linha em construção, para admirar a floresta majestosa. [4]

O Príncipe Edward não era nenhum peão, mas ele também teve alguns problemas com escândalos amorosos, bebedeiras, extravagâncias que feriam a moralidade da época. Abdicou do trono antes mesmo ser coroado, e depois flertou com a Alemanha de Hitler. Quem assumiu o reino foi seu irmão Príncipe George ou Jorge VI, o gago retratado no filme "O Discurso do Rei" e citado nas memórias de João Sampaio, diretor da CTNP.

Londrina era uma cidade, mas era também uma mercadoria, um produto, uma aventura comercial. Era o dinheiro desse povo da City de Londres, centro financeiro internacional, que estava em jogo. O retorno desse investimento dependia da venda de lotes rurais e urbanos. E dá-lhe propaganda, anúncio, publicidade — o marketing colonizador.

No Norte do Paraná terá a certeza de que jamais faltará o pão em sua casa e que viverá em plena abastança, sentindo, em toda a sua grandeza, a alegria de proporcionar bem estar e felicidade a todos os seus entes queridos.
Isto só aqui, em nossa amada Pátria, como um brinde do Senhor aos bem-aventurados Norte-Paranaenses.
Caminho de ferro, estradas de rodagem, escolas, usinas elétricas, igrejas, cinemas, em suma, tudo isso há no Norte do Paraná.
Se deseja levar uma vida pacata e próspera, adquira terras roxas, com facilidade de pagamento, da Companhia de Terras Norte do Paraná. [Anúncio publicado na Folha da Manhã, 3/08/1943.]

Escritório da Cia. de Terras Norte do Paraná na rua Maranhão esquina com a Minas Gerais. Ano de 1935. Atual Edifício Autolon e Cine Ouro Verde.

ESCRIPTORIO COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANA
CALDERADO

É divertido pensar que parte da identidade e da memória ainda cultivada por essa cidade tem como matriz anúncios publicitários. Esse tipo de linguagem da cultura de massa contagiou verdadeiramente as pessoas no começo do século 20. E não poderia ser diferente. Como resume o historiador Nicolau Sevcenko:

O salto direto de uma população majoritariamente analfabeta no início do século para uma ordem cultural centrada nos estímulos sensoriais das imagens e dos sons tecnicamente ampliados, fornece uma indicação da trajetória da sociedade brasileira nesse período de mudanças intensas e rápidas. Expostas de um lado às pressões de um mercado intrusivo e de outro às intervenções das elites dirigentes, empenhadas em modelar as formas e expressões da vida social, as pessoas e grupos se viram forçados a mudar, ajustar e reajustar seus modos de vida, ideias e valores sucessivas vezes. [5]

A passagem da população cabocla ou de imigrantes acaboclados, analfabetos ou semi-alfabetizados, para o mundo fantasioso da cultura de massa, é uma característica do processo de colonização da região. Palavras de ordem e de comando, valores morais, desejos, ideais de vida — tudo isso transbordava dos anúncios em jornais e revistas, dos panfletos publicitários, das fotografias e dos filmes 16 mm gravados na região e utilizados para fins comerciais. E isso realmente alterou o comportamento das pessoas, como observou o historiador. A ideia do novo Eldorado era assimilada com fervor, com paixão, talvez a mesma paixão que possibilitou a emergência dos regimes totalitários no decorrer do século 20.

Quando o jornalista Silveira Peixoto, do jornal O Estado de S.Paulo, veio ao norte do Paraná em maio de 1934, ele flagrou esse estado de paixão que flerta com a irracionalidade. Um forte desejo de formatar o real de acordo com as imagens e textos veiculados nos anúncios. No "caldeirão da malária" o encontro entre o jornalista e o motorista da Companhia:

Tagarella, parlapatão, o motorista não se furta a responder às minhas interrogações. É – vê-se logo – um enthusiasta da região.
Refere-se à feracidade da terra, à organização e disciplina mantidas pelos diretores da Cia. de Terras Norte do Paraná.
— É muito raro haver um crime por aqui. Desde que comecei a trabalhar na companhia, até agora, tive notícia, apenas, de dois assassínios. Isto num espaço de quasi dois annos. A terra, aqui, é o que o senhor está vendo: bôa, como quê. É só plantar... Dá de tudo. Do clima, então, basta dizer que os medicos quasi nem têm o que fazer, nestas paragens.
Reparando que eu me protejo da poeira, com um lenço dobrado sobre o rosto, tapando inteiramente, narinas e bocca, o homenzinho não se contem:
— Essa poeira não faz mal, não senhor. Não precisa tapar o nariz. Faz até bem. [6]

Vamos nos esquecer da piada infame do homem que construiu uma muralha de tijolos seguindo a dieta sugerida pelo motorista. Folclore. É melhor voltar às imagens de Carlos Stenders e ao lugar mais fotografado por ele: a Praça da Matriz, hoje chamada Praça Floriano Peixoto ou Praça da Bandeira.

No início a Praça parece uma boa invernada, um bom lugar para o gado pastar. E na sequência, os melhoramentos, os equipamentos da civilização: postes são plantados no entorno, bancos, calçamento dos passeios, paisagismo. A Praça e aquele pedacinho da Avenida Paraná vão se tornar nos anos 50, o cenário dos passeios domingueiros que quebravam a dura rotina de trabalho.

Jorge Cernev: - "Footing" é andar, passear, então as pessoas vinham de todos os lugares da cidade e iam na Avenida Paraná e ficavam passeando ali, porque lá acima havia a Igreja e os cinemas em volta, as pessoas iam ao cinema e outras à Igreja e aproveitavam pra ficar passeando.
Alcides Francisco Miranda: - E tem um detalhe nisso aí que eu não sei se era natural. Existia uma separação, os negros andavam de cá e os brancos do lado de lá; não se misturavam, talvez eles que não queriam se misturar mesmo.
Cernev: - Não. Os mais ricos ficavam do lado de cá e os pobres do outro lado. [7]

Os detalhes são terríveis, chatos, impertinentes. Sempre tem alguém que se lembra de um outro jeito, de um outro ângulo. E assim a cena bonita, idílica, harmoniosa, digna de entrar num panfleto publicitário fica comprometida.

O detalhe lembrado pelo senhor Alcides Francisco Miranda, que chegou a Londrina em 1939, é a existência de uma cidade partida. Ele se lembrou do outro lado da cidade, o outro lado do progresso.

Do lado de cá da cidade há obras e mais obras, fotografadas por Stenders: usina elétrica, colocação de postes, galerias pluviais, guias e calçadas, paralelepípedo nas ruas centrais. Prédios importantes aparecem na paisagem urbana: Paço Municipal, Fórum, Edifício Londrina, a Igreja Matriz, a Santa Casa, o Colégio Estadual, a sede da ACIL — todos devidamente registrados pelos fotógrafos da época. Símbolos da metamorfose da cidade rústica desdobrada em urbs moderna.

Do outro lado da cidade, abaixo da linha de trem, aquilo que não fazia sentido mostrar nos anúncios que ficariam para a história. A mesma rua desalinhada, o mesmo pó e lama, o mesmo casario de madeira, vermelho por fora e negro por dentro, por causa da fumaça dos fogões a lenha. Água do poço ou da mina, luz de lamparina, fossa negra.

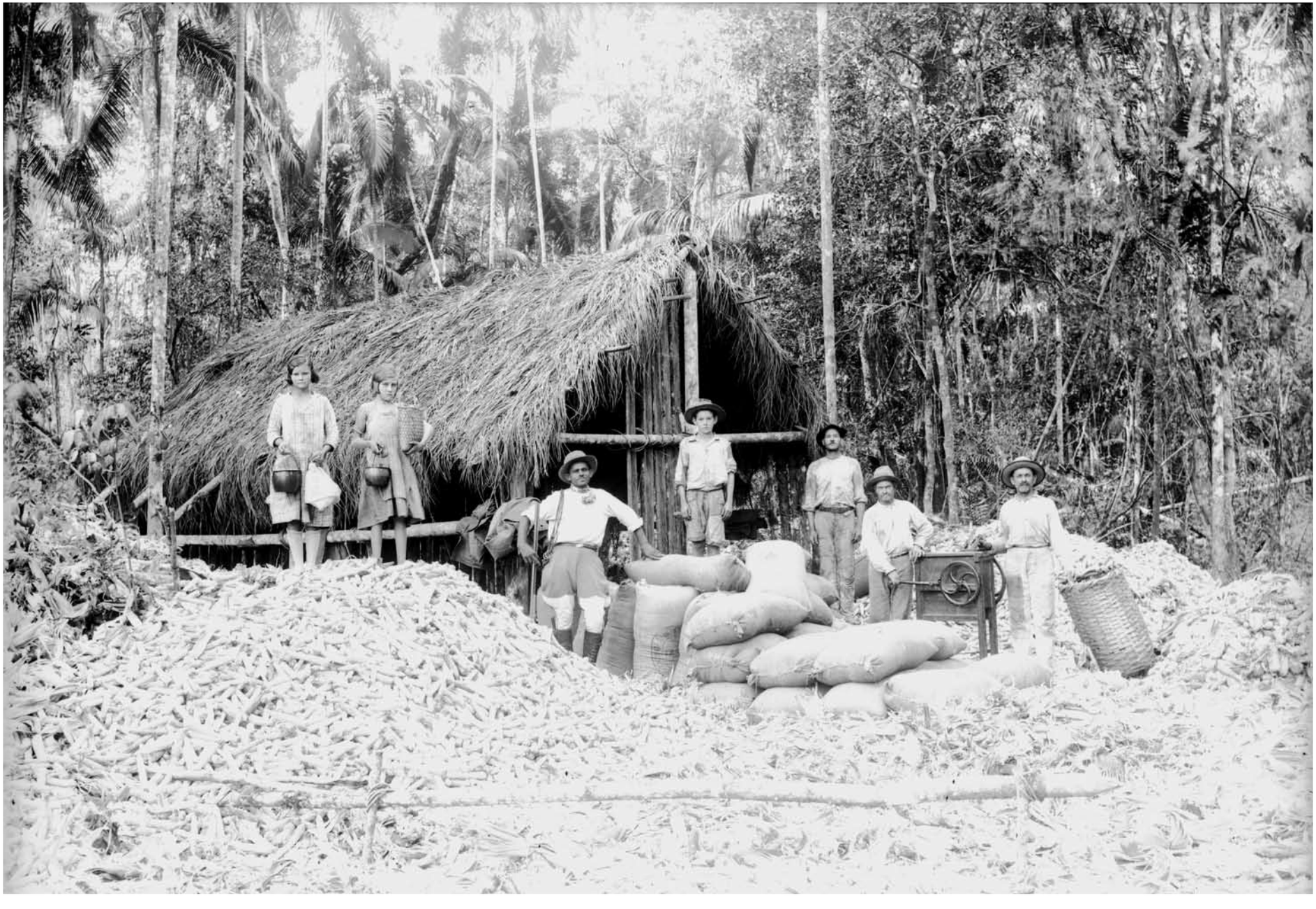
A história suburbana de Londrina começa em 1936 quando foi loteada a Vila Agari, na época, um fim de mundo. Em 1939 já tem gente na Vila Casoni, Vila Nova, Vila Conceição, Vila São Paulo... Em 1947, eram 53 vilas fora dos limites traçados pela Companhia de Terras, de acordo com a pesquisa da historiadora Sônia Adum.[7] A cidade propriamente dita demorou alguns anos ou até mesmo décadas para chegar às vilas, que tinham esse nome apesar de muitas delas se parecerem com favelas horizontais.

*

Toda leitura é histórica. Não tem jeito, é preciso admitir que a maneira como olhamos as coisas é informada pelo valores do tempo em que vivemos. Se um homem dos anos 50 e 60, de Londrina, olhasse esses documentos fotográficos produzidos por Carlos Stenders, certamente ele escreveria uma ode ao progresso, à força e ao heroísmo dos pioneiros.

Não pensamos mais como pensávamos antes. A multiplicação de documentos, de fontes, de relatos e de interpretações não nos permite embarcar nessa história linear com contornos míticos. Até dá para embarcar, mas teríamos que deixar de lado muito do que já sabemos. A menina que enchia as gambetas, os peões que se embrenharam na floresta, os moradores do outro lado da cidade, do outro lado da calçada...

É difícil, nesse momento, esquecer dessa gente que saltou do analfabetismo para a cultura de massa. Difícil esquecer desse povo que acreditou nos anúncios publicitários, que acreditou nas alegrias do marketing colonizador. Não esquecemos porque hoje, na sociedade de consumo, o alvo da propaganda somos nós. Somos nós que ajustamos e reajustamos nossos modos de vida, ideias e valores



Família posa para exibir os resultados da colheita de milho.

Família Baer apresenta resultados da sua criação de bicho-da-seda na chácara pertencente ao Grupo Matarazzo, localizada na Estrada de Heimtal, atual Rua Duque de Caxias entre Amapá e Belém. Década de 1940.

sucessivas vezes, a fim de nos adequarmos a uma nova mercadoria política, tecnológica, industrial e até mesmo afetiva. O mundo da mercadoria colonizando o nosso modo de ser. Um problema que ainda enfrentamos em nossa atualidade.

O jogo que tentei fazer entre os fragmentos literários e a obra de Carlos Stenders está intimamente ligado a esse problema. Um pouco de sombra para tanta luz. Londrina foi um negócio iluminado pelo holofote poderoso da propaganda, criada pelas agências para atender as demandas da City de Londres, o coração financeiro do mundo daquela época. Sinto que é necessário um pouco da sombra das existências minúsculas para que não percamos de vez a noção de profundidade das coisas da vida.

*

Londres, 22/06/1943 (Reuters) – Setecentos bombardeiros pesados da R.A.F estiveram novamente ontem sobre a Alemanha e o norte da França. O objetivo do ataque concentrado ontem foi a cidade de Krefeld, dez milhas a oeste do Ruhr.

Krefeld é uma cidade da região ocidental do Ruhr, contando com uma população de 170 mil habitantes, indústrias pesadas, inclusive fábrica de aviões e carros blindados, minas de carvão e importantes fábricas de produtos químicos. Além disso, Krefeld é também um importante centro ferroviário.

Londres, 22/06/1943 (U.P) – O rádio de Berlim informou, hoje, que a cidade de Krefeld "parece um montão de ruínas ardentes".
Por sua parte, o Ministério do Ar britânico anunciou que a tonelagem de bombas arrojadas ontem à noite, sobre a referida cidade foi uma das maiores que caíram sobre objetivos alemães.
Informou, por fim, que foram arrojadas cinco bombas de 4.000 toneladas por minuto e que o ataque durou 50 minutos. [9]

Extremos. Uma cidade nascia no meio da floresta, a outra lutava para não sumir do mapa. No meio disso, o fotógrafo Carlos Stenders.

A Segunda Grande Guerra separou a família Stenders por longos oito anos. Ele deveria ler essas notícias veiculadas nos jornais com o coração apertado. Seus filhos e sua esposa, seus familiares e amigos, lá do outro lado do Atlântico, enfrentando uma chuva de bombas. O mundo que ele conhecia transformado em ruínas ardentes. Por aqui o fotógrafo via seus compatriotas sendo perseguidos, presos e com os bens confiscados, acusados de serem espiões, quinta coluna, nazistas cruéis e por aí vai. Um simples encontro entre alemães tornou-se um crime. Um gentil guten tag na rua já era algo suspeito.

A família de Carlos Stenders só conseguiu voltar a Londrina em 1947. Em 1952 colocaram o Foto Estrela à venda. Tinha chegado a hora de mudar. E apareceu um comprador japonês, Yutaka Yasunaka, que também tinha histórias da guerra para contar.

Nesta noite [15 de agosto de 1945], como a Guerra já havia acabado, soldados e oficiais comissionados queimaram as cadernetas de guerra. O que aconteceu depois foi terrível. O chefe dos médicos militares levou bebida alcoólica e cigarro: "Vocês aí. Bebam até cair e fumem o que aguentarem fumar." Então começou a baderna. Quando acordamos havia pessoas jogadas no chão, esticadas sobre as mesas; a situação era inacreditável. Eu também presenciei suicídios. Com o fim da guerra alguns soldados acreditavam que já haviam cumprido a missão. Com um tiro nas têmporas, tiravam a própria vida.

Cerca de um mês após a tragédia, feitos os trabalhos manuais, finalmente chegou o dia do salvamento. Mas o navio rumou em direção ao norte. Nós fomos enviados para a Sibéria, onde o frio era intenso. Desembarcamos em um pequeno porto e, passando frio e fome todos os dias, muitos morreram.

De manhã, ao acordarmos, víamos que as pessoas morriam congeladas todos os dias e eram jogadas em um grande buraco. Eu ainda era jovem, tinha vigor físico, e por isso consegui sobreviver. Pessoas com mais de 40 anos, sendo submetidas a trabalho forçado, perdiam as forças e morriam uma após as outras. O forte desejo de retornar ao Japão fez com que eu mantivesse as forças e sobrevivesse aos três anos de vida na Sibéria, para ser então repatriado. Mesmo agora, eu lembro vividamente do sabor do oniguiri (bolinho feito de arroz) que eu havia comido após tantos anos passando fome. [10]

É estranho reconhecer que o Foto Estrela (1938-2008) reuniu a história desses dois homens, que discretamente atravessaram o lado mais obscuro da era moderna. Talvez a lição dessa história de 70 anos seja essa: quem atravessa a escuridão aprende a transfigurar o mundo brincando com a luz.

* Tony Hara é jornalista e historiador. Autor dos livros Caçadores de Notícias: história e crônicas policiais de Londrina (2000), Ensaios Sobre a Singularidade (2012), Coração Rueiro: João Antônio e as cidades (2013) e 80xLondrina: cotidiano, história e trajetórias de vida (2014).

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 Depoimento de Lídia Aparecida Balassa publicado no livro Tempo de lembrar, tempo de aprender: memórias da cidade. Prefeitura de Londrina/Secretaria do Idoso/ Secretaria da Educação, 2009. Há uma versão digital dessa obra no site da Prefeitura de Londrina. http://www.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_idoso/publicacoes/tempo_de_lembrar-tempo_de_aprender-2_edicao_OK.pdf

2 Depoimento de Eugênio Victor Larionoff citado no livro de Rogério Ivano, Crônicas de fronteira: imagem e imaginário de uma terra conquistada. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002.

3 Notas de Gilberto Surjus publicadas no livro de Raimunda de Brito Batista, Ludovic Surjus: história, histórias. Londrina: Atrito Art, 2005. No anexo dessa obra, a autora publicou os diários do agrimensor francês Ludovic Surjus, que chegou à região em agosto de 1927.

4 Discurso de João Sampaio lido no dia em que recebeu o título de Cidadão Honorário de Londrina (10/06/1967). Texto publicado pelo Museu Histórico de Londrina. http://www.uel.br/museu/complementares/fundacao.html

5 Nicolau Sevcenko. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. Introdução do livro História da vida privada no Brasil / República: da Belle Époque à Era do Rádio. Volume 3 da Coleção dirigida pelo historiador Fernando A. Novais. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

6 Reportagem de Silveira Peixoto intitulada A visita dos importadores estrangeiros de café ao norte do Paraná, publicada no O Estado de S. Paulo, 24 de maio de 1934.

7 O diálogo entre o professor Jorge Cernev e Alcides Francisco Miranda foi gravado durante a entrevista concedida por Alcides às crianças da 3ª série da Escola Municipal Irene Vicentini Theodoro. O bate papo ocorreu no dia 16 de maio de 1997. A transcrição foi publicada pelo Projeto Cuco da UEL. http://www.uel.br/projetos/cuco/pion2.htm

8 Sônia M. S. Lopes Adum. Imagens do Progresso: civilização e barbárie em Londrina (1930-1960). Mestrado em História. UNESP-Assis, 1991.

9 Informações de agências de notícias reproduzidas no Correio da Manhã (RJ). Data da publicação, 23 de junho de 1943.

10 Relato de Yutaka Yasunaka publicado originalmente no jornal São Paulo Shimbum (28/06/2005), reproduzido no livro Revelações da História: o acervo do Foto Estrela, 2ª edição, Londrina: Câmara Clara, 2012. O livro foi organizado por Daniel Choma, Edson Vieira e Tati Costa.

Da esquerda para a direita, Carlos Stenders, Suejiro Yasunaka, Roberto Schupp e Yutaka Yasunaka,
no dia da venda do Foto Estrela para a família Yasunaka, em 1952.

+ Fotos e grafias

Organizado por Daniel Choma, Edson Vieira e Tati Costa

É de sonho e de pó

Londrina, décadas de 1930 e 1940. Fotografias de Carlos Stenders.

Câmara Clara

Car@ amig@!

Para ler o restante desta obra, acesse o endereço:
www.camaraclara.org.br/livros_e_de_sonho_e_de_po.htm

e adquira a versão impressa do livro É de sonho e de pó
(acabamento fotográfico, capa dura, formato 22 x 30 cm, 176 páginas em couché 150 gr).

Com isso, você estará incentivando
o Instituto Câmara Clara a realizar
novas ações de preservação e difusão
do patrimônio cultural brasileiro.

Aquele abraço!

Daniel Choma, Edson Vieira e Tati Costa, organizadores.